

Divulgação

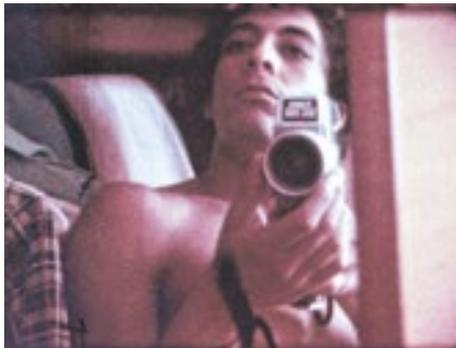
**As Vitrines**

Divulgação

Divulgação

**Querido Mundo**

Lucas Seixas/Divulgação

**As Dores do Mundo****O Homem de Ouro**

Divulgação

**Anos 90: A Explosão do Pagode**

Divulgação

**Os Quatro Exílios de Herbert Daniel**

Divulgação

**Safo**

Divulgação

**Um Teatro em Construção****Cadernos Negros****Para Vigo Me Voy**

Divulgação

SAFO, de Rosana Urbes: Gema preciosa da animação autoral que nos rendeu prêmio no Festival de Annecy. É um ensaio sobre a força feminina inspirado na vida e obra da poeta que viveu na Ilha de Lesbos por volta de 600 a.C. e virou um ícone do lirismo.

AS DORES DO MUNDO: HYL-DON, de Emílio Domingos e Felipe David Rodrigues: Por que não uma musiquinha para machucar os corações? Hyldon é perfeito para isso. Seu primeiro álbum, “Na Rua, Na Chuva, Na Fazenda”

chegou aos 50 anos e tem status de clássico na MPB. Uma série de canções compostas por ele, inspiradas em histórias reais, revelam o soul romântico de um dos nossos maiores compositores, parceiro de Cassiano e Tim Maia. O documentário segue o trajeto do menino do sertão da Bahia ao jovem no topo das paradas de sucesso.

PARA VIGO ME VOY!, de Karen Harley e Lírio Ferreira: Batizado em referência ao bordão de Lorde Cigano (José Wilker), mambembe de “Bye Bye Brasil”

(1980), a produção ganhadora da menção honrosa da disputa de documentários de Gramado estreia, enfim no Rio, depois de ter emocionado a Croisette, na mostra Cannes Classics, com memórias de Carlos Diegues (1940-2025). Uma queda nos sets de “Deus Ainda É Brasileiro”, filmado em 2022 e ainda inédito, é um registro de uma finitude física que encurtou a permanência de um de nossos mais ativos cineastas. Sequências de um debate dele na França, em 1985, são um achado.

ANOS 90: A EXPLOÇÃO DO

PAGODE, de Emílio Domingos e Rafael Boucinha: Brincadeira de criança, o jogo da “salada mista” explodiu na rádio ao mesmo tempo em que as casas de show do Rio de Janeiro queriam “dar uma chicotada na barata”. A geração noventista pagodeou de tudo que foi jeito. Este .doc é um retrato do que ficou dessa era.

RUA DO PESCADOR N° 6, de Bárbara Paz: A atriz e diretora gaúcha, apoiada numa montagem frenética de Renato Vallone, revive o desastre climático em Porto Alegre, em 2024, construindo um filme-catástrofe de dar inveja a qualquer “Twister” de Hollywood. Ela vai atrás de pessoas que sobreviveram e se reinventaram. A sequência da luta de um cachorro para não ser engolido pelas águas é de roer unhas até o sabugo.

Gláucio Gill – Um Teatro em Construção, de Lea Van Steen e Rafael Cardoso: A charmosa sala de espetáculo de Copacabana, na saída do metrô Cardeal Arcoverde, celebra seus 60 anos de existência com um gesto de reconstrução simbólica em forma de filme. Durante a reforma entregue no início de 2025 pelo Governo do Estado, uma ausência inquietante veio à tona: não havia um acervo histórico organizado que reunisse cartazes, fotografias, programas e depoimentos das inúmeras montagens que passaram por ali. Dessa constatação nasceu uma verdadeira caçada cultural. Essa gincana inspirou um exercício cinematográfico de afeto.

O HOMEM DE OURO, de Mauro Lima: Citado com licenças poéticas em sucessos como “Lúcio Flávio, o Passageiro da Agonia” (1977), “República dos Assassinos” e “Eu Matei Lúcio Flávio” (ambos de 1979), Mariel Araújo Mariscot de Mattos (1940-1981) entrou para a posteridade na História do Brasil pelas páginas policiais, na fronteira entre o anti-heroísmo populista do vigilantismo e a corrupção. É o signo do chamado Esquadrão da Morte, braço legalizado da execução sumário nos tempos da ditadura. Foi salva-vidas, foi agente da Lei, foi segurança na noite, foi contraventor... é mito. Foi morto quando estava chegando para uma reunião com chefes do jogo do bicho, debelado por uma submetralhadora automática Ingram M11. Portava duas pistolas - uma com calibre 45 e uma 6.35 – que não teve tempo de sacar. Alguns dos episódios mais tensos de sua vida inspiraram este “Máquina Mortífera” com Renato Góes.